

GILCÉLIA APARECIDA FERREIRA



TRATADO DA EDUCAÇÃO

30776
saori

Tombo nº.	9127
Classif.:	
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	01.03.03

GILCÉLIA APARECIDA FERREIRA

TRATADO DA EDUCAÇÃO

Trabalho apresentado à FACER como requisito parcial a Disciplina Dissertação Filosófica II, para fins avaliativos do professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que uma forma ou de outra se fizeram presença em minha vida e contribuíram para meu crescimento pessoal e intelectual. Em especial a meus pais e esposo que mesmo diante de inúmeras dificuldades não mediram esforços para me ajudar a conquistar meus objetivos. Suas presenças foram e ainda são de suma importância em minha caminhada, pois a cada dificuldade que surge sempre posso contar com seu apoio e compreensão. A cada vitória alcançada sou contagiada por sua alegria e satisfação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	04
CAPÍTULO I	06
EDUCAÇÃO	06
CAPÍTULO II	20
CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS	48

INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresentar-se-á um estudo sobre a proposta pedagógica de Jean Jacques Rousseau. Serão abordados seus aspectos positivos e negativos e as estruturas fundamentais de sua obra, que procuraram uma grande revolução no campo educacional do século XVIII, influenciado inúmeros pensadores que sucederam. Rousseau, a inovarem as metodologias usadas na educação.

Um dos destaques principais de sua obra é sua visão naturalista da educação, pois seu projeto propõe uma educação voltada para a natureza, entretanto, entretanto, noa significando retornar à vida selvagem ou primitiva, e sim buscar a verdadeira natureza, que corresponde à vocação humana.

O processo educacional deve ser contínuo, acompanhando todas as fases de desenvolvimento da criança, respeitando assim todas as características próprias de cada uma:

- 01 à 05 anos – ocorrem as primeiras descobertas, e a educação deve estar voltada para a liberdade de expressão e para suas inclinações naturais.
- 05 à 13 anos – educação deve ser puramente negativa.
- 12 à 15 anos – fase da aquisição de conhecimentos e de desenvolvimento intelectual. Ocorre o despertar para a importância e a necessidade do trabalho.

Num segundo momento serão apresentadas as principais características do período da adolescência e da juventude, que é trabalhada como a idade da razão, sendo que nesta fase deve-se educar o coração p[ara a vida comum e para as relações sociais. É o período que se desenvolve as noções do bem e do mal e inicia-se a educação religiosa.

A educação transmitida aos jovens deve prepará-lo para viver em sociedade, pois a partir da chegada da idade da razão inicia-se seu ingresso efetivo no mundo dos deveres sociais, ele deverá estar preparado para enfrentar os desafios que surgirão no decorrer de sua caminhada.

Sua obra apresenta um novo conceito de educação, que surge como uma nova exigência do novo pacto social, contrapondo-se as idéias predominantes da época que reduziam a educação a um processo artificial e meramente intelectual. Essa nova visão destacar: a educação natural, a educação como um processo, a simplificação do processo educativo e a importância da simplificação do processo educativo e a importância da criança no processo educacional.

Serão abordados também a importância das idéias inovadoras de Rousseau para a educação, os efeitos que elas provocaram, seus aspectos positivos e negativos e quais foram os avanços que aconteceram no campo educacional. Também serão destacadas alguns pontos fracos que estão presentes em seu trabalho como: o individualismo na educação, sua posição em relação à mulher, sua excessiva concepção otimista da ação direta da educação e a falta de idéias em relação à educação popular.

CAPÍTULO I

EDUCAÇÃO

Rousseau elabora uma proposta pedagógica onde ressalta com grande relevância a importância de uma educação natural e ao mesmo tempo renovada, direcionada à pessoa humana, fundamentando-se na liberdade essencial do homem natural, onde o principal objetivo é formar o homem para ser homem e não somente para exercer cargos de magistrado ou doutor.

Educar para as exigências do novo pacto social, é empresa árdua que exige coragem e força. Com efeito não se trata de abandonar o homem à voz dos instintos, mas sim de educá-la para que se deixe subjugar à voz superior da razão¹.

Uma educação criativa, atuante, com métodos práticos e dinâmicos, com o intuito de ensinar a partir da experiência vivida e de um contato direto com a natureza.

A natureza abrange tanto os instintos naturais, as emoções primitivas, as primeiras impressões dos indivíduos, quanto tudo o que não é humano, como os animais, as plantas, os fenômenos e os elementos físicos- água, terra, etc., -em contato com os quais deve ser feita a educação².

¹ REALE, Giovane & ANTISERI, Dario. História da Filosofia, p. 772.

² PILETTI, Nelson & PILETTI, Claudino, História da Educação, p. 89.

Neste processo natural de aprendizagem a meta principal é o aluno, que com o auxílio do professor-mediador-deixa fluir de dentro de si o saber intrínseco e o saber adquirido. O conhecimento para a criança não é algo pronto, determinado, mas algo que será construído dia-a-dia, de acordo com sua prática diária e com o desenvolvimento ordenado de suas potencialidades

A vocação natural do homem é viver, e este é o ofício a ser lhe ensinado. O homem nasce fraco, indefeso, desprovido de tudo. Vendo-se necessitado d.e assistência e de atenção busca ajuda na educação que vem de três origens: vinda da natureza, a dos homens e a das coisas. Esse processo de busca surge a partir de seu nascimento. É no desenvolvimento de suas sensações e de seus sentidos que é despertado dentro de si o desejo de aprender e de relacionar-se bem com o mundo e com seu próximo. Os instintos vão amadurecendo lentamente ao ponde de oferecer-lhe densidade e consistência a razão.

A educação é um processo natural e não artificial, e deve ocorrer por meio de ação dos instintos e das forças naturais e não por imposições externas.

Portanto, a educação deve respeitar o desenvolvimento natural da criança, que ainda não é um adulto e, por isso mesmo não deve estudar matérias de adultos- línguas, etc.-, como geralmente acontecia

Aconteça o que acontecer, abandonai tudo que tome penosa a tarefa da criança, porque só é de importância que ela nada faça contra a sua vontade e não que aprenda muito³.

O processo educativo deve acompanhar todas as fases de crescimento e amadurecimento da criança, sendo uma educação permanente, variando de acordo com seus estágios de desenvolvimento. Cada etapa deve ser respeitada e valorizada a partir do desenvolvimento de suas aptidões natas.

A educação infantil surge no despertar de suas capacidades naturais, de suas inclinações para o saber. O conhecimento livresco, meramente transmitido tem pouco valor para a criança, o mais importante é que ela aprenda a pensar por si própria, conquistando aos poucos seus objetivos e construindo assim seu conhecimento.

³ PILETTI, Nelson & PILETTI, Claudino, História da Educação, p. 91

A experiência e a espontaneidade são as chaves principais do processo educacional.

Uma educação constituída por uma liberdade bem ordenada, onde a criança será conduzida para a prática de suas capacidades, ou seja, de seus dons e talentos. O homem verdadeiramente livre deseja apenas o que pode e realiza o que lhe agrada. A partir daí a criança torna-se paciente, modesta, resignada e calma, aprendendo suportar com paciência as necessidades das coisas, mas não a má vontade alheia.

Observai a natureza e segui o caminho que ela vos traça. Ela exercita continuamente as crianças; endurece o seu temperamento com provas de toda espécie; e ensina-lhes, muito cedo, o que é uma dor e o que é um prazer. É mister exercita-la, pois, aos ataques que terá que suportar um dia⁴.

No período de um a cinco anos geralmente a criança é submetida a diversas restrições, como é o caso do excesso e o aperto das roupas, a falta de liberdade, a vida fechada, a repressão às inclinações e aos desejos naturais, a punição antes que ela consiga entender o erro e o motivo da punição. A liberdade segundo a natureza, que tornará a criança forte, implicará um corpo obediente e protegido contra o vício.

O objetivo da educação neste período inicial da vida é o crescimento do corpo, o desenvolvimento das atividades motoras e da percepção sensorial, em sua individualidade e temperamento infantil. Os pais e os mestres são aconselhados a observar atenciosamente a natureza e a obedecer as diretrizes que ela traça para o desenvolvimento normal da vida humana⁵.

A natureza indica o caminho a ser seguido no processo educacional a ser seguido no processo educacional, pois desde cedo ela fortalece o temperamento da criança mediante experiências de várias espécies, mas ocorrem de lenta e cuidadosa tornando-a corajosa e forte para realizar seus objetivos. Cada qual avançará segundo seu gosto, suas necessidades e seus dons naturais.

⁴ MAUROIS, André, *O pensamento vido de Voltaire*, p.203

⁵ COTRIN, Gilberto. *História e Filosofia da Educação*, p.199

A primeira educação, então, seria puramente negativa, consistiria não em ensinar os princípios da virtude ou da verdade, mas em proteger o coração da criança contra o vício, e o espírito contra o erro. Toda educação da criança deve surgir do desenvolvimento livre de sua própria natureza; de suas próprias potencialidades, de suas inclinações naturais. Sua vontade não devia ser contrariada⁶.

Daí surge a necessidade de educar a criança com o objetivo de deixá-la aplicar livremente o desejo de mover-se, de brincar e de tomar posse de seu próprio corpo. O bem estar que a liberdade lhe proporciona compensa muitos tropeços que levará e o aprendizado que necessita.

A educação negativa é a que tende aperfeiçoar os órgãos do corpo, a que exercita os sentidos, que são o caminho para a razão. A criança ainda não está em condições de compreender a verdade, de reconhecer e amar a bondade. Por isso deve apenas ser preparada para tanto através da educação negativa, que é a proteção contra o vício e o erro, que é o aperfeiçoamento dos órgãos e o exercício adequado dos sentidos⁷.

O caminho da felicidade verdadeira para a criança está na diminuição do excesso de seus desejos sobre suas potencialidades e em por em perfeita igualdade o poder e a vontade. Por isso a felicidade da criança consiste no exercício de sua liberdade, mas uma liberdade ponderada que não desperte vícios tirania e obsessão ,pois quando ela é acostumada a ter tudo o que quer e trem realizado todos seus desejos se torna possessiva, dominadora e autoritária, ela jamais se sentirá satisfeita, sempre desejará mais do que pode. A fraqueza e o desejo reunidos resultarão em loucura e miséria. O fruto de uma boa educação está em fazer um homem razoavelmente educado pela razão e pelo bom senso.

O homem verdadeiro livre deseja apenas o que pode, e faz o que lhe agrada. É esta a minha máxima fundamental. É aplica-la à infância e a todos as regras de educação decorrerão dela. Há duas espécies de dependência: as das coisas, que é a da natureza; e a dos homens, que é a da sociedade. A dependência das coisas, não tendo nenhuma moralidade não prejudica a liberdade e não engendra vícios, a dependência dos homens sendo desordenada, engendra todos e é por

⁶ MONROE, Paul. *História da Educação*, p.261

⁷ PILITTI, Nelson & PILETTI, Claudino. *História da Educação* p. 90.

meio dela que o senhor e o escrava mutuamente se depravam⁸.

Antes de iniciar o processo educacional o professor deverá ter o cuidado de auto-analisar-se, ou seja, preparar-se bem para a missão que lhe é designada. Ter Atitudes virtuosas e transmitir bons exemplos de vida, ensinando a criança a imitar os bons exemplos aos quais ela deve habituar-se, praticando-os com o discernimento e por amor ao bem.

E delicada a função do professor no campo educacional. Se não deve impor o saber dos homens à criança tampouco pode deixá-la no puro espontaneísmo. Afinal para se tornar um adulto, ela aprende a lidar com os próprios desejos e a conhecer os limites para ser dona de si. Semelhante o processo de formação da cidadania, em que o homem se submete à vontade geral, também a criança descobrirá por si mesma as leis das coisas e das relações interpessoais⁹.

Na infância a única lição de moral que convém é a de não fazer mal a ninguém, a criança deverá ser alertada sobre a importância do amor ao próximo. A infância deve ser respeitada principalmente na questão que se relaciona a seus atos imaturos, julgando-os bem ou mal, pois a criança tem certas atitudes que convém ou são habituais a sua idade. A infância é o sono da razão. As coisas que uma criança diz ou faz, não tem o mesmo peso e o mesmo significado que tem para um adulto, na maioria das vezes ela repete o que ouve, ou faz o que vê, sem saber medir as conseqüências de seus atos e de suas palavras. Seus pensamentos e suas idéias não possuem o discernimento suficiente para compreender o conceito de bem ou mal. Por isso é necessário corrigi-la mas sem exagero, deixando a natureza agir sem pressa, antes de querer agir no lugar dela, é preciso que o fruto amadureça no tempo certo. Antes da idade da razão a criança não recebe idéias e sim imagens que não passam de meras noções dos objetos que a cerca e o prazer que elas lhe proporcionam. O seu saber está na sensação.

De cinco a doze anos, a educação deve consistir em não impor nada que contrarie as inclinações naturais da criança. Trata-se do método negativo que representa a ausência de todo e qualquer procedimento tradicional de ensino, isto

⁸ MAUROIS, André, *O Pensamento Vivo de Voltaire*, p. 204.

⁹ GULES, Thomas Ranson, *Filosofia da Educação*, p.100

é, ausência da demonstração severa e intencional de conteúdos: ler, escrever, contar e decorar as lições, sob ameaça de castigos. A criança deve agir espontaneamente, sendo guiada por seus gostos, desenvolvendo-se pelo livre exercício de suas intenções infantis em sua evolução natural.

No período de cinco a doze anos, que é o período mais crítico da vida humana deve ser controlado por dois princípios: a educação deve ser negativa e a educação moral alcançada pelas conseqüências naturais. Ao invés de tentar, e como fazia geralmente, dar à criança toda sorte de idéias, nada em absoluto deveria ser feito para modelar ou forçar seu espírito. A infância tem em si mesma seu fim. "A natureza determina que as crianças sejam criança antes de serem homens". Não pe necessário ensinar a criança a ler, embora ela provavelmente chegue a isto por si mesma¹⁰.

Nesta fase a educação será um largo treino dos sentidos, obtido pelo contato direto com a natureza. A partir dessa vivência ela aprenderá a medir, pesar, contar, comparar, isto é, construirá suas regras e conceitos próprios, descobrindo princípios básicos de boa convivência com o meio em que vive.

Uma séria de fatos e estratégias servirão de artifícios aos professor para tornar mais fácil seu trabalho no desenvolvimento das potencialidades de seu aluno, a partir do contato com a natureza, ou seja, com o real e concreto despertará o aluno para a busca do novo a cada nova descoberta, sua curiosidade e seu desejo de aprender será aguçado e aperfeiçoado, desta forma, a criança julga, prevê e raciocina sobre tudo o que se relaciona com ela.

Por meio de uma metodologia de observação reflexão e no contato com o novo, a criança é levada a questionar, pesquisar, a conhecer o meio em que vive, estando atenda ao que lhe rodeia, isto é, será colocar em prática a Filosofia para criança. Antes de conhecer o mundo é necessário que ela conheça o lugar em que vive, sua casa, seu bairro, sua região, para depois adquirir conhecimentos relacionados ao mundo e a assuntos mais aprofundados. A prática do saber resulta numa educação de qualidade, por isso a educação deve estar voltada para a prática, assim o saber fluirá como algo natural do homem.

¹⁰ MONROE, Paul, *História da Educação*, p. 261

A inteligência humana tem seus limites, e um homem não pode tudo saber, não pode mesmo saber bem, por inteiro, o pouco que sabem os demais homens. O pequeno número das coisas que contribuem realmente para o nosso bem estar é o único digno da atenção de um homem sábio, e por conseguinte de uma criança que desejamos tomar virtuosa. Não se trata de saber tudo o que existe, mas o que é verdadeiramente útil¹¹.

A criança deverá habituar-se ao risco, para não se perturbar com ele, exercitando os sentidos e fazendo uso deles. É preciso conhecer as coisas que lhe provocam medo, para que se acostume a elas. A razão, o conhecimento e a coragem libertam a criança desse aspecto negativo que é o medo. A descoberta da causa do mal indica o remédio para o temor e o medo. Uma criança não deve ser poupada de todos os males, ou seja, das coisas que possam lhe provocar medo ou dor, mas si deverá ser orientada contra os acidentes e imprevistos que poderá lhe ocorrer.

“A instrução da criança é uma profissão em que é preciso saber perder tempo para ganha-lo” (JEAN, Jacques Rousseau, *Tratado da Educação*, p. 142).

Por isso a paciência e a perseverança são as grandes armas do educador, e é a partir dessas duas virtudes que ele obterá bons resultados em seu trabalho.

Através de demonstrações práticas o aluno aprenderá raciocinar, ao invés do professor se precipitar e raciocinar por ele, sua memória e suas capacidades intelectuais serão exercitadas. Uma longa experiência ensina a tirar proveito de si mesmo; proporcionando-lhe o verdadeiro estudo que necessita no momento presente.

Quanto mais afastamos a criança de seu estado natural, mais elas perdem seus gostos naturais, o hábito despertará nela uma segunda natureza que sufocará a primeira a tal ponto que ela não se lembrará mais da anterior.

Devemos preservá-la em seu estado primitivo o mais possível, em seus hábitos e costumes, deixando que corra e brinque o quanto lhe agrade.

¹¹ MAUROIS, André, *O pensamento vivo de Voltaire*, p. 205

O projeto de uma educação conforme a natureza, entretanto, não significa retornar à vida selvagem ou primitiva, e sim buscar a verdadeira natureza que corresponde à vocação humana¹².

É levar o educando a uma busca de sua verdadeira vocação, a descobrir seus dons, a partir de uma experiência voltada para a prática na vida diária. Nesse processo não há imposições e sim o despertar de seu próprio eu.

O homem é dotado de um sexto sentido que se denomina de senso comum, que é o uso bem regado dos outros sentidos que o instrui acerca da natureza das coisas. Ele localiza-se unicamente no cérebro e suas sensações são internas, denominadas percepções ou idéias. É pelo número dessas idéias que é medido a extensão do conhecimento obtido pelo uso da razão. A razão sensitiva consiste em formar idéias simples mediante o despertar de várias sensações, já que a razão intelectual consiste em formar idéias complexas, com base em várias idéias simples. Cada idade ou condição de vida tem sua perfeição conveniente, sua espécie de maturidade própria, por isso conclui-se que não existam seres humanos perfeitos, acabados, todos estão em constante formação.

A educação é um processo contínuo, que dura toda a vida. Por isso não se deve forçar a criança a aprender coisas de adulto, que ela ainda não tem condições de aprender. Dando-se liberdade às forças naturais, transforma-se o processo de desenvolvimento numa vida agradável, equilibrada, natural¹³.

Uma criança educada no processo natural possui idéias limitadas, mas elas são nítidas, nada sabe de cor, mas aprende diariamente, e mesmo que sua leitura não seja tão correta quanto a de crianças educadas no ensino formal, mais fará uma leitura melhor da natureza, seu espírito estará em sua cabeça e não em sua língua, sua memória de julgamento será menor, mas suas decisões serão firmes, terá clareza e objetividade no que diz e faz. Seus atos serão sempre uma expressão fiel de suas idéias e a conduta que nasce de suas inclinações. Em tudo o que está ao seu alcance ele julga, raciocina, prevê melhor do que outros. Chegando a maturidade de sua infância terá consciência de que viveu a vida de uma criança feliz e livre tanto quanto sua constituição o permita.

¹² GULES, Thomas Ranson, *Filosofia da Educação* p. 100

¹³ PILETTI, Nelson & PILITTI Claudino, *História da Educação*, p. 91

O grande problema que ocorre na primeira educação, e principalmente no ensino formal é que alguns educadores pensam mais em seus interesses, do que na necessidade ou desejo de seus alunos, procurando sempre provar que realizam seu trabalho e que fazer jus ao que recebem, na maioria das vezes não preocupando se o fruto de seu trabalho seja útil ou não, se é o que realmente o que seus alunos necessitam. O importante é o cumprimento de sua missão. Neste caso a criança é obrigada a assimilar os conteúdos transmitidos sem nenhum direito de escolha. Ela é considerada um adulto em miniatura, sendo tratada por padrões adultos.

A educação deve ser tão simples quanto é simples a natureza: que a geografia seja aprendida nos bosques e campos, pelo estudo dos rios, da chuva, da mudança da temperatura; que a botânica seja estudada em contato com as plantas, a física e a química pela observação e pela experimentação; etc. Só a História seria estudada por meio da leitura e, por isso, ficaria para o último período do desenvolvimento. Em geral, nunca substitui a coisa pela representação, salvo quando é impossível mostrar a coisa, porque a representação absorve a atenção da criança e a faz esquecer a coisa representada¹⁴.

O educador deverá tornar seu aluno atendo aos fenômenos da natureza, despertando nele a curiosidade e o desejo de conhecer, mas tomando sempre o cuidado de não apressar nunca em satisfazê-lo, que ele saiba as coisas porque as compreendeu por si, e não porque ouviu esse conhecimento, não se deve trocar a autoridade pela razão, pois caso isso ocorra ele jamais raciocinará por si próprio, será apenas um imitador das opiniões alheias.

O aluno educado no espírito de máximas verdadeiras, aprenderá a ter conclusões próprias, não recorrendo a outros, a não ser quando perceber que o assunto é de difícil compreensão. A criança aprende pensar, não como um processo que vem de fora para dentro, ao contrário, como desenvolvimento interno e natural.

A inquietação provocada pela curiosidade será uma boa forma de acostuma-lo a ser atendo, e a necessidade de descobrir novos conhecimentos e a capacidade de corrigir seus erros. Através do erro e do engano ele aprenderá muitas

¹⁴ PILETTI, Nelson & PILITTI Claudino, op. cit., p. 92

coisas. Os sentidos devem ser seu guia, nas primeiras operações de seu espírito, que o mundo seja para ele como um livro orientador em sua vida. Exercitar os sentidos não quer dizer somente em usa-los, mas aprender a julgar bem através deles.

O espírito do meu sistema não é o de ensinar à criança muitas coisas, mas o de não deixar entrar em seu cérebro senão idéias justas e claras. Mesmo quando não sabia nada, pouco importa, desde que não se engane, e se lhe incute vaidades é apenas para a garantir dos erros que poderia aprender em seu lugar. A razão, o juízo vem lentamente, os preconceitos ocorrem em multidão: é deles que é necessário preservar a criança¹⁵.

A grande questão não para ensinar-lhe a ciência, mas dar-lhe o prazer de amá-la e os meios de aprendê-las, quanto o gosto já estiver bem desenvolvido. Este é o princípio fundamental de toda boa educação.

Nossos verdadeiros mestres são a experiência e o sentimento, com base nas relações em que se encontra o homem sente melhor o que mais lhe convém, para sentir-se feliz é necessário compreender o que é felicidade. A felicidade do homem natural é muito simples, consistindo em não sofrer, ter boa saúde, liberdade, e o necessário para sua sobrevivência.

“Ensinaí a criança tudo o que é útil a sua idade e vereis que todo seu tempo está mais do que cheio.”. (Emílio, p. 191).

Ela sabe que é feita para ser homem, e tudo o que sabe ou vier a saber, são oportunidades de aprender mais. Assim quando ensinamos a criança o significado da palavra útil, o professor terá uma grande chance de manter uma certa autoridade sobre ela, tornando mais fácil orientá-la. A necessidade de aprender a importância da utilidade das coisas, faz com que o aluno valorize com mais intensidade as coisas que o cerca, despertando nele a curiosidade e o desejo de saber sempre mais, aprimorando assim sua razão intelectual. Assim sendo, ela se tornará mais responsável, valorizando mais as coisas que tem, não se tornando mesquinha nem gananciosa.

¹⁵ MAUROIS, André, *O pensamento vivo de Voltaire*, p. 206

Através do diálogo surge grande oportunidades de aprendizagem e de um relacionamento amigável entre professor – aluno, e também de aprimorar seu raciocínio lógico.

Dos doze aos quinze anos Rousseau denominou esse período como a idade da razão, fase em que surge na criança o julgamento racional. Autoconsciente, a criança deve participar de forma ativa das atividades educacionais. Aprender fazendo, desenvolvendo sua criatividade e poder de reflexão. Podendo ser estabelecido um programa de ensino para essa fase, com o propósito de não fornecer conhecimentos prontos ao aluno, mas ensina-lo como adquiri-lo quando necessário, sendo este o princípio fundamental do método a ser aplicado.

A educação dos doze aos quinze anos é a fase da aquisição de conhecimentos. Mas esses conhecimentos devem estar de acordo com a curiosidade, com a ânsia de conhecer que vem dos desejos naturais. A prova do conhecimento é o emprego prático, rejeitando-se os conhecimentos pelos quais o indivíduo não tem um gosto natural e acertando-se aqueles aos quais é conduzido pelo instinto. A aprendizagem de um ofício tem muitas vantagens sociais e ajuda na educação¹⁶.

A aprendizagem deve ser um desejo pessoal do aluno, sendo que este desejo será despertado a partir de suas experiências, de diálogos e questionamentos, florescendo assim recursos necessários para o alcance de seus objetivos. Esse conhecimento adquirido ou desejado deve ser útil ao aluno, por isso percebe-se a necessidade de aprender bem uma boa aprendizagem funciona como alicerce na vida diária do aluno.

A orientação acerca das coisas e dos fenômenos deve ser clara e objetiva, sem discursos longos e enganosos, assim sendo ela despertará no aluno o desejo de aprender cada vez mais. As ações e a prática, ensinam mais do que as palavras.

Nesta fase o vigor do indivíduo é maior do que suas necessidades. Como a educação intelectual tem por resultado geral a multiplicação de necessidades, sem nenhum desenvolvimento correspondente do poder adequado para enfrenta-los, este é um período na vida

¹⁶ MUNROI, Raul, *História da Educação*, p. 90

em que o maior empenho deve ser aplicado para a aquisição de conhecimento. Entretanto, há relativamente poucas coisas do real valor a aprender. A curiosidade-a ânsia de conhecer que vem dos desejos naturais e não do desejo de ser sábio- é o único motivo, a única orientação. A prova final de tudo é o emprego prático¹⁷.

Um grande exemplo de uma educação natural é o livro de Robson Crusoé, a partir de um estudo eficaz dessa obra, os resultados positivos são inúmeros, pois a partir de sua leitura e análise encontra-se nele um “estudo da vida de acordo com a natureza”.

Não se deve ensinar a partir de métodos abstratos, que transmitam poucas idéias, é importante o contato direto com o objeto de seu estudo. É importante criar situações de confronto com o novo, procurando oportunidades para que o aluno explore a realidade que o cerca.

Deve-se ter o cuidado para que não ocorra rivalidade e nem desejo de superação, que a relação com o outro e com o novo ocorra de forma objetiva e participativa. A rivalidade e a vaidade são fatores negativos no processo educacional.

Na sua longa discussão da importância das atividades manuais e industriais na educação, Rousseau acentua muitas das vantagens psicológicas que são acentuadas no presente. No fim desse período “Emilio é trabalhador, sóbrio, paciente, firme, e corajoso...Possui poucos conhecimentos, mas o que possui é realmente seu; nada sai pela metade¹⁸.

É preciso desenvolver uma educação intelectual, direcionando a atenção do jovem para as ciências, da física à geometria e a astronomia, mas de um contato direto com as coisas, com o objetivo de fazê-lo captar a regularidade e, portanto, a necessidade da natureza.

“Mais do que aprender a ciência, é preciso educar a criá-la, respeitando os ritmos aos quais se devem adequar a vida sem deturpa-la. É o período no qual os instintos e as paixões, confrontando-se com as leis da realidade, com a resistência das coisas, com os limites que elas nos estabelecem e, ao mesmo tempo,

¹⁷ MUNROI, Raul, op. cit., 164

¹⁸ MUNROI, Raul, op. cit., 264

*com os pontos de apoio que nos oferecem, devem-se dobrar progressivamente, transfigurando-se na mais ampla lógica das racionalidade natural. A força das coisas, a dura necessidade da realidade, constitui o banco de provas da educação*¹⁹.

A partir de exercícios físicos e mentais a criança torna-se um ser atuante e pensante, pois a união do uso dos membros suas faculdades, sua razão é aperfeiçoada pelos sentimentos. É nas relações sociais e reais que o espírito sólido forma suas idéias, não sendo artificial, pois um espírito artificial é aquele que se contenta com relações aparentes. São as aptidões de comparar relações que dá aos homens mais ou menos espírito.

A melhor maneira de ensinar a criança a julgar, é através da simplificação de suas experiências, evitando-as sem cair no erro, ensinando-lhe como se deve fazer para descobrir sempre a verdade. A consciência das coisas é que faz com que a criança julgue bem seus atos e raciocine com clareza.

A aprendizagem adquirida por esforços próprios, leva a criança a usar sempre a razão em suas atitudes e ações, tornando a dependente das decisões alheias. Avançando sempre de acordo com suas capacidades, possuindo um espírito forte e decidido, a criança avança para o crescimento pessoal e intelectual.

*Até Rousseau a criança era considerada um pequeno adulto em miniatura, a ser tratada por padrões adultos, vestindo-se com roupas de adultos, aprendendo coisas de adultos, etc. Rousseau foi praticamente o primeiro a considerar a criança enquanto tal, com sentimentos, desejos e ideais próprios, diferentes dos do adulto. Foi o precursor da psicologia do desenvolvimento, ao dar atenção às diversas fases do desenvolvimento da criança e ao defender uma educação diferente para cada fase, cujo processo seria diferente para cada fase, cujo processo seria determinada pela natureza da criança e do seu crescimento. A partir de Rousseau começou a intensificar-se a tendência psicologia na educação, a tendência de ver a educação a partir da criança, da sua natureza, dos seus instintos, das suas capacidades e tendências, em oposição aos padrões e normas impostos pela sociedade*²⁰.

¹⁹ REALE, Geovani & ANTISERI, *História da Filosofia*, p. 774

²⁰ PILETTI, Nelson & PILETTI, Claudino, *Histórias da Educação*. p. 92.

Para Rousseau o verdadeiro trabalho educacional consiste em estimular o desenvolvimento dos sentimentos positivos e verdadeiros. Assim, o processo educacional não deve enfatizar tão somente a transmissão racional dos conhecimentos ou descoberta do mundo exterior, mas ter como objetivo primordial o desenvolvimento psicológico e a evolução sadia dos sentimentos, pois sem essa base essencial, tudo o mais torna-se desprovido de autêntico significado e valor.

Rousseau foi o primeiro a ver claramente a diferença entre a mente da criança e a do adulto, o primeiro em reconhecer a infância como idade distinta, como fase de caracteres peculiares, que cumpre estudar e respeitar. Antes dele a criança era apenas um homem pequeno, em estado meramente transitório, que devia desaparecer quanto antes: Procuram sempre o homem menino sem cuidar no que ele é antes de ser homem". Cumpre, pois, estudar o menino. "Não se conhece a infância, com as falsas idéias que se tem dela, quanto mais longe vão, mais se extraviam". "A infância tem maneiras de ver, de pensar, de sentir, que lhe são próprias". A esse estágio da infância segue o da adolescência, também de características próprias, que cumpre igualmente conhecer e respeitar²¹.

²¹ LUZURIAGA, Lorenzo, *História da Educação e da Pedagogia*, p.166

CAPÍTULO II

A educação de quinze a vinte anos, até aqui foram formados o corpo, os sentidos e o cérebro do pequeno jovem, agora é tempo de moldar seu coração. Até agora a criança vinha sendo educada puramente para si mesma, e por si mesma; o amor próprio tem sido a motivação orientadora; a autoperfeição e o autodesenvolvimento, o último fim. Agora o jovem deve ser educado para a vida em comum e para as relações sociais. O amor aos semelhantes deve tornar-se a força motora principal; o desenvolvimento emocional e a perfeição moral, o objetivo²².

Nesta fase o indivíduo não é nem criança nem homem, sendo um pequeno jovem cheio de vigor. Há um fulgor em seus olhos e em sua face, surge um novo anseio, uma força de espírito surpreendente, mas nota-se ainda uma santa inocência em suas ações. Torna-se mais decidido, ousado, persistente, mas acima de tudo sensível as questões do coração, seus sentimentos estão mais aguçados, sua vivacidade o torna impaciente diante de um desejo ou vontade.

Diminui os desejos e aumenta a força, este é o único período da vida no qual o vigor do indivíduo é maior do que suas necessidades.

“E o tempo mais precioso de sua vida, tempo que só ocorre uma vez, tempo muito curto, tanto mais curto, como se verá, quanto mais lhe importa bem empregá-lo²³.”

No campo educacional é necessário desenvolver com maior firmeza na dimensão moral. O educando deve ser preparado para a vida social, sendo

²² MONROE, Raul, *História da Educação*, p. 262

²³ ROUSSEAU, Jean Jacques Emílio, p. 173

subtraído daqueles comportamentos nefastos, egoístas e conflitivos que é preciso eliminar de suas relações sociais.

Sua atenção deve concentrar na dimensão mora, no amor ao próximo, na necessidade de compartilhar os sofrimentos do próximo e esforçar-se por aliviá-los, no sentido da justiça, percebendo assim que a partir de suas relações sociais e comunitárias inicia seu ingresso efetivo no mundo dos deveres sociais.

É o período em que se educa o coração, ara a vida em comum e as relações sociais: O estudo mais adequado ao homem é o de suas relações. Enquanto não conhece senão sua existência física, o estudo se restringe às suas relações com as coisas, este é o emprego da infância. Quando começa a sentir a sua existência moral deve, então, inquirir sobre as suas relações com a humanidade; porque esta é a ocupação própria de toda a sua existência, a partir do período que alcançamos agora. É também o período em que se desenvolvem as noções do bem e do mal: "Dos primeiros movimentos do coração, surgem as primeiras manifestações da consciência; e dos primeiros sentimentos de amor e de ódio decorrem as primeiras noções do bem e do mal". É ainda o período da educação religiosa: "Aos 15 anos, não sabia que tinha uma alma, e talvez aos 18 anos não seja ainda tempo para informa-lo disto; porque se aprender demasiado cedo, corre o risco de não sabe-lo nunca"²⁴.

O que torna o homem essencialmente bom é ter poucas necessidades e pouco de comparar aos outros, pois aqueles que tem muitas necessidades e se deixam apegar demais as opiniões alheias tornam-se essencialmente maus. Com base nesta afirmação podemos guiar as paixões do homem para o caminho do bem ou do mal.

Por isso a educação da criança deve estar voltada para suas relações com o próximo e com o meio que a cerca, mas de forma natural, sem exageros e dependência. É necessário trabalhar na criança a não dependência desregradas em suas relações diárias, para que ela não se torne uma escrava de seus impulsos e de suas necessidades, sendo uma pessoa ponderada e equilibrada. Educa-la no propósito

²⁴ *História da Educação, p.91*

De que para ser amada é preciso que ela se torne amável e que o amor deve ser recíproco, mas tendo o cuidado de alertá-la sobre a questão de que o excesso de amor gera vícios negativos como: o ciúme, a inveja, a rivalidade, etc.

O amor deve ser a base sustentadora do processo educacional, visando assim a formação integral da criança e do jovem.

É importante satisfazer sua curiosidade quando se fizer necessário, para não ocorrer o risco de aguçar-la ainda mais. Ao surgir os questionamentos o preceptor deverá dar-lhes respostas claras e objetivas capazes de satisfazer sua curiosidade.

As mentiras devem ser evitadas, pois a verdade deve ser dita no momento em que surgirem as dúvidas, com palavras simples mais esclarecedoras.

Tudo o que nos cerca desperta nossa imaginação sendo que a fonte de todas as paixões do homem é a sensibilidade, e é a imaginação que diminui sua proporção. São os erros da imaginação que dão origem aos vícios e as paixões. As paixões são os principais instrumentos de conservação do homem, por isso é impossível querer destruí-las, caso isso ocorra seria querer mudar o curso natural das coisas, é querer reformar a obra de Deus.

Eu acharia que aquele que quer impedir as paixões e que elas nasçam, é tão louco quanto aquele que desejasse que elas desaparecessem. Mas, pensaria razoavelmente, quem pelo fato de que a natureza do homem consiste em ter paixões, concluisse que todas as paixões que sentimos em nós e que vemos nos outros são naturais²⁵.

Todas as paixões negativas são prejudiciais a pessoa, sendo elas de origens externas a natureza humana, o homem é que se apropria delas para seu prejuízo. Por isso a educação do jovem deve ser simples, segundo os movimentos da natureza que lhe dará paixões ternas e afetuosas, levando-o a ser sensível aos problemas de seu próximo, dando-lhe alegria de viver.

O homem torna-se um ser sociável devido suas fraquezas e suas necessidades, por isso não consegue viver só, é a partir de suas limitações e fragilidade que seu coração tende para à humildade, mas é uma felicidade frágil e

²⁵ MAUROIS André, *O pensamento vivo de Voltaire*, p. 208

sensível aos desabores da vida, pois o único ser que é verdadeiramente feliz é o próprio Deus, sua felicidade é inabalável, sendo que a do homem é susceptível de influências negativas que podem destruí-la.

Rousseau considerada esse período de fundamental importância, pois, é nessa fase que o homem torna-se plenamente apto em termos sexuais. Segundo ele, nascemos duas vezes: uma para a existência animal e outra para a vida humana. No primeiro nascimento a espécie nos reproduz e no segundo nascimento somos capazes de reproduzir a espécie. Nesse período, o homem desperta, intensamente, para a vida social. Assim, o aluno deve dedicar-se ao estudo de suas relações com os outros. O professor hábil deve cuidar de afastar do aluno as más paixões: crueldade, inveja, egoísmo, etc. e impulsionar os sentimentos superiores: amar, justiça, bondade, gratidão, etc.²⁶

É necessário despertar o coração do jovem para a sensibilidade e a bondade, ou seja para a prática das virtudes morais, mostrando-lhe que a falta dessas virtudes no coração humano produz sentimentos negativos. É importante ressaltar que todos os seres humanos estão sujeitos as misérias da vida, e que a qualquer momento estamos sujeitos a sofrer dessabores.

O homem é o mesmo em todas as classes, independente de qual ele pertença, o que os distingue é a questão da linguagem e do status social que ocupa, mas sua essência de homem é a mesma. É preciso estudar a sociedade pelos homens, e os homens pela sociedade.

Aqueles que tentam separar a política da moral, amais conseguirão alcançar seus objetivos, pois uma esta legada a outra, ocorrendo uma correlação entre elas.

Ensinaí vosso aluno a amar todos os homens, inclusive os que os desdenham; fazei com que ele não se coloque em nenhuma classe, mas que se encontre em todas; falai diante dele com ternura do gênero humano, com piedade até, mas nunca com desprezo²⁷.

Para se alcançar a afeição do jovem é necessário que o professor haja

²⁶ COUTRIM, Gilberto, História e Filosofia da educação, p. 200

²⁷ ROUSSEAU, Jean Jacques, Tratado da Educação, p. 253

com cautela, conquistando assim sua confiança, jamais impondo regras e normas que exigem do aluno obediência e submissão, o importante é leva-lo a conhecê-las e a partir daí ambos discutirão a melhor maneira de coloca-las em prática, o diálogo é um forte elo de ligação numa relação professor-aluno. Agindo assim o convívio entre ambos será amigável, refletindo assim em ótimos resultados na relação e na aprendizagem. Amamos aqueles que nos fazem bem, este é um sentimento natural do homem.

A criança que se sente amada será amável, prestativa e manterá um bom relacionamento com todos que a cerca. Sempre procurará demonstrar gratidão e amor para com todos, realizando assim seus deveres morais e sociais com prazer e alegria.

O processo educacional perfeito seria aquele capaz de conciliar a alegria natural e a austeridade também própria à natureza. A alegria se revelaria na vivência pela das nossas potencialidades humanas, no tempo e no espaço. A austeridade era sinônimo de respeito às limitações da nossa natureza humana. Isto é, obediência estrita aos princípios que balizam o desenvolvimento sadio e virtuoso de nossas potencialidades²⁸.

O jovem deve ser educado para vida em comum e para as relações sociais. Aprendendo a controlar-se no mundo físico e nas relações com as pessoas, começa para o jovem a educação moral. Quando começa a sentir em sua existência moral, deve então, indagar sobre as suas relações com a humanidade, porque esta é a ocupação própria de toda sua existência.

Nessa fase ocorrem os primeiros movimentos do coração, originando as primeiras manifestações da consciência e de sentimentos como o amor e o ódio, despertando assim as primeiras noções de bem e de mal.

A formação do jovem deve ser assegurada pelo cultivo de sua modéstia natural, por meio da educação negativa, não por meio de ensinamentos mas por contato com os homens, pelos exemplos transmitidos pelos pais e professor, e por meio de estudos da História, acontecendo assim o devido desenvolvimento de suas tendências.

²⁸ CONTRIM, Gilberto, História e Filosofia da Educação, p. 201

Eu não me cansarei de repetir que todas as lições devem inculcar-se nos jovens, mais pela ação do que por palavras., que não aprenda nos livros aquilo que possa ser ensinado pela experiência²⁹.

Se é verdade que os primeiros movimentos da natureza são sempre honestos e não há perversidade original no coração humano”, também é verdade que o mal se insinuou no coração do homem por obra da sociedade³⁰.

Por isso o papel da educação não é o de abandonar a criança nas mãos da sociedade, nem tão pouco de retirá-la da mesma, mas sim de preparar a criança e o jovem para a vida social. E isso comporta a educação do homem inteiro, sentimentos e razão, numa vontade geral e no bem comum que são os pilares da nova construção social.

Rousseau defendia, ardentemente, a bondade natural do ser humano. Negava, portanto, a tese cristã do pecado original. Não havia, segundo ele, qualquer perversidade original no coração humano. O mal existe, mas vem ao homem, de fora, de outra fonte que não ele mesmo. A solução apresentada por Rousseau para superar a maldade do mundo era a regeneração da sociedade, guiada por uma vontade geral que representa a própria vontade de cada indivíduo consciente de seus deveres de cidadão³¹.

A educação é o caminho para a sociedade renovada, com todo o seu vigor e sua expansão social, bloqueando no berço toda forma de egoísmo, bem como toda forma de ansiedade pelo futuro, que apaga a alegria do presente. A certeza de uma sociedade harmônica, dominada pela vontade geral, evita falsos sentimentos provocados por uma sociedade competitiva e nos convoca a desfrutar do presente e de toda situação, livres dos temores e dos fantasmas da imaginação de um futuro competitivo e conflitivo

Para viver na sociedade é preciso saber tratar com os homens, é preciso conhecer os instrumentos que tem influência sobre eles, é preciso calcular a ação e a reação do interesse particular na sociedade civil e prever

²⁹ ROUSSEAU, Jean Jacques, *Tratado da Educação*, p. 255

³⁰ REALI Giovanni & ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*, p. 775

³¹ COTRIM, Gilberto, *História e Filosofia da Educação*, p.. 201

*com tanta justeza os acontecimento, que raramente nos enganemos em nossos empreendimentos, ou ao menos que tenhamos adotado os melhores meios para o êxito*³².

O exercício das virtudes sociais leva ao fundo dos corações o amor à humanidade, pois é na prática do bem que nos tornamos bons.

Importante é instruir o jovem por meio de ações e não com discursos, as ações e os exemplos falam mais do que as palavras, pois todos os preceitos da retórica não se afiguram, senão em puro palavrório, sem alcançar o objetivo de persuadir e de tornar-se útil, a partir da prática e da experiência os resultados da aprendizagem tornam-se mais marcantes e visíveis. Que ele não se deixe arrastar pelas paixões, nem pelas opiniões alheias, aprendendo a ver com seus próprios olhos, a ter suas próprias conclusões e a sentir amor e respeito pelo próximo, mas acima de tudo não se deixar manipular pelos outros, sendo governado por sua própria razão.

Da mesma forma que Rousseau pretendia recriar uma sociedade verdadeiramente natural, no campo religioso ele procura alcançar uma atitude verdadeiramente natural, coincidente com a natureza humana, com a voz da consciência, filtrada pela razão social.

*Se a preocupação é a garantia da convivência no quadro da vontade geral e do bem comum, a religião deve traduzir essas instâncias e fortalecê-las através de uma estreita relação com a vida política. As linhas fundamentais dessa religião natural, que marginaliza como nocivo para a vida social e ofensivo à lógica da razão tudo o que é sobrenatural, como a divindade de Cristo, os milagres ou as profecias, estão expostas no capítulo quinto do Emílio, sob o título Profissão de fé do vigário de Servóia*³³.

A educação religiosa não deve ser confessional e não deve ocorrer na infância e sim na idade da razão, uma educação baseada no deísmo que é a doutrina que admitia existência de Deus, mas nega a revelação e, as vezes, até a providência.

Devemos evitar de anunciar a verdade aqueles que não estão em

³² ROUSSEAU, JEAN Jacques, *Tratado da Educação*, p. 284

³³ REALE, Giovanni & ANTISERI, *História da Filosofia*, p. 776

estado de compreendê-la porque seria substituí-la pelo erro. Mais vale não ter nenhuma idéia da Divindade do que ter idéias grosseiras, fantásticas, injuriosas e indignas dela, é melhor desconhece-la do que ultraja-la. Mas o esquecimento de toda religião conduz ao esquecimento dos deveres do homem.

O jovem deve ser educado com o propósito de escolher ele próprio a religião, aquela em que ocorra o melhor emprego de sua razão e que sintá-se melhor. Não se deve correr o risco de impor-lhe uma religião como única e verdadeira, pois o que pode ser considerado bom e correto para um, não é necessariamente o que é para todos, cada religião tem seus dogmas e doutrinas próprias de sua tradição. Há diversidade de religiões como há diversidade de opiniões.

A força dos argumentos depende absolutamente do país em que são apresentados. Que um turco, que acha o cristianismo tão ridículo em Constantinopla vá ver como acham o maometismo em Paris³⁴.

É principalmente na matéria de religião que a opinião triunfa. Cada pessoa tem o livre arbítrio de expressar sua fé de forma que mais lhe convier.

Rousseau distingue dois tipos de religião: uma religião do homem e uma religião do cidadão.

A religião do homem contém duas verdades que a mantêm: a existência de Deus e a imortalidade da alma, sendo admitidas porque representam a única explicação para o movimento dos seres, para a ordem e a finalidade do universo e também derivam da impossibilidade de que o mau triunfe sobre o bem.

Ainda que não houvesse outra prova de imaterialidade da alma senão o triunfo do mau e a opressão do justo neste mundo, só isso já me bastaria para não duvidar dela". Uma contradição tão manifesta e uma dissonância tão estridente na harmonia do universo me levaria a pensar que nem tudo para nós acaba com a vida, mas, com a morte, tudo volta à ordem³⁵.

A doutrina cristã pregada pelo cristianismo que é o dogma do pecado original e da salvação sobrenatural, foi uma das causas da corrupção da vida social. Trazendo para o campo do espírito os valores e os laços mais profundos

³⁴ ROUSSEAU, JEAN Jacques, *Tratado da Educação*, p.298

³⁵ ROUSSEAU, JEAN Jacques, *op. cit.* p. 299

entre os homens, enquanto filhos de Deus, ou seja, irmãos. O cristianismo conquistou o conceito de comunidade universal, mas somente ao nível espiritual. Forçando e retirando no íntimo as forças dos homens, deixando indefesa a comunidade no plano das relações sociais e terrenas. Por isso tal religião gerou uma sociedade universal, mas somente espiritual, abrindo caminhos para a tirania e o egoísmo.

Segundo Rousseau, “O cristianismo é uma religião inteiramente espiritual, que distancia os homens das coisas da terra. A pátria do cristão não é de modo algum este mundo (.....) O cristianismo é muito favorável à tirania, embora esta nem sempre tenha se aproveitado”. Nele há uma interioridade afastada da realidade, levando a prepotência e toda forma de egoísmo. “Essa religião, não tendo nenhuma relação particular com o corpo político, deixa às leis somente a força que elas tem por si mesmas, sem acrescentar-lhes nenhuma outra força; assim, um dos grandes vínculos da sociedade particular fica privado de efeito. E, pior ainda, ao invés de afeiçoar os cidadãos ao Estado, as afasta dele, como de todas as coisas deste mundo. Não conheço na mais contrário ao espírito social.

Para ele o estado é o único órgão capaz de promover a salvação individual e coletiva, por ser o lugar privilegiado que ocorre o desenvolvimento integral das potencialidades humana, não cabendo a igreja esta missão.

A paz da alma consiste no desprezo a tudo o que a pode perturbar; o homem que mais caso faz da vida é aquele que menos sabe aproveitá-la, e aquele que aspira mais deseja a felicidade e que a busca desesperadamente é sempre o mais miserável. A insuficiência do espírito humano é que provoca essa prodigiosa diversidade. O importante é viver bem, de forma natural, evitando assim a busca desenfreada de bens e posses.

O homem por um ser enigmático até para si mesmo. Mistérios impenetráveis o cercam por todos os lados, encontrando-se acima da região sensível, para desvendá-las o homem pensa ter inteligência e capacidades suficientes para isso, mas o que ele tem é apenas imaginação. Cada qual abre, através desse mundo imaginário, um caminho que acredita ser certo; ninguém pode saber se o seu leva ao fim desejado. Entretanto, queremos tudo penetrar, tudo conhecer.

A única coisa que não sabemos pe ignorar o que não podemos saber. Preferimos determinar-nos ao acaso, e crer o que não é, a confessar que nenhum de nós pode ver o que é. Pequena parte de um grande todo cujos limites nos escapam, e que seu autor entrega a nossas loucas disputas, somos bastantes vãs para querermos decidir o que seja esse todo em si mesmo e o que somos em relação a ele.

O homem deve aprender a limitar suas pesquisas ao que lhe interessa realmente, a descansar numa profunda ignorância acerca do resto, e a não se inquietar, até a dúvida, senão com as coisas que me importa saber.

Uma das grandes verdades que o impressiona o homem e a qual é forçado a aceitar é sua existência e a presença dos sentidos pelas quais é afetado mas essa conclusão gera dentro de si um inquietação em relação a essência de seu próprio ser, tornando-se impossível de resolvê-la.

As sensações ocorrem dentro de si, fazendo-o sentir sua existência, mas sua causa lhe é estranha, sendo afetado por eles independente de sua vontade. Assim o homem percebe que ele existe, que existem outros serem em sua volta, que são objetos de suas sensações, e ainda que tais objetos não fossem senão idéias, essas idéias não são ele. Tudo o que existe fora dele e que age sobre seus sentidos é denominado matéria, e todas as porções de matéria que ele concebe reunidas em seres individuais são chamadas de corpos.

O homem não é apenas um ser sensitivo e passivo, é um ser ativo e inteligente, com capacidade para pensar e decidir. Percebendo que a verdade está nas coisas e não em seu espírito que as julga, quanto menos ele julga mais se aproxima da verdade, deixando assim que os sentimentos sejam confirmados pela própria razão.

O trabalho educacional deve ocorrer de acordo com a natureza, pois enquanto ela forma o homem físico, procura-se formar o homem mora, considerando que os resultado não são os mesmo, o corpo desenvolve-se mais rápido do que a razão. Desenvolvendo o natural atentamos para a sensibilidade nascente, regrado-a a razão será cultivada.,

Ao alcançar maior autoridade sobre o aluno, obtem-se novos meios de falar a seu coração, levando-o a descobrir seu interesse em ser bom, em fazer o

bem, ser justo perante Deus, e o próximo, cumprir seus deveres, dotado de virtudes e valores morais.

Ter em seu coração a virtude, não somente por amor a ordem, ao qual prefere o amor a si próprio, mas por amor ao autor de seu ser, amor que se confunde com esse mesmo amor a si mesmo, para gozar enfim da felicidade duradoura.

Nesse momento crítico é necessário que o educador abandone de imediato o tom antigo, a rigidez, tornando-se amigo e companheiro. Até agora tudo era conseguido a partir da força e da astúcia, era preciso constrangê-lo ou enganá-lo para que ele obedecesse, mais agora torna-se necessário o uso da razão, da amizade, da gratidão. Não o deixeis corromper-se, ele será sempre dócil, pois ele só começa a ser rebelde quando torna-se pervertido. É necessário fazê-lo controlador de suas ações, prevenindo-o contra as surpresas dos erros e dos perigos de que se acha cercado.

Eis o momento de prestar-lhe contas, de mostrar-lhe o emprego de seu tempo e do meu, de declarar-lhe o que é o que sou, o que fiz e o que ele fez, o que devemos um ao outro. Leva-lo a compreender que é chegado o momento de tornar-se responsáveis por seus atos, de ser firme e decidido, de agir com justiça e razão. Percebendo assim a que ponto chegou no progresso de suas faculdades, qual o caminho que lhe resta percorrer, as dificuldades que encontrará e os meios cabíveis de vencer os obstáculos que irão surgir.

Não devemos falar em razão aos jovens, mesmo na idade da razão, antes de os terdes primeiramente posto em condições de aprender. Quando os sentidos inflamados alienam o entendimento e tiranizam a vontade, é o momento de ouvir as graves lições de sabedoria. Vários são os perigosos que rodeiam o pequeno jovem, por isso é necessário evitar a ociosidade, a vida fácil e sedentária, é exercitando seu corpo em trabalhos árduos que se detém a atividade da imaginação que o arrasta. Quando os braços trabalham muito a imaginação descansa; quando o corpo está cansado, o coração não se inflama. Coloca-lo par do que são as coisas, e o perigo mostrando-lhe o certo e o errado e as conseqüências que ambos provocam, levando-o ao discernimento do que é bom e ruim. Daí-lhe uma ocupação de que goste, despertando nele suas potencialidades e seus dons.

Há épocas na vida humana que são feitas para nunca serem esquecidas, tratemos pois de gravar boas instruções em sua memória de maneira que não se apague mais. Um dos erros de nosso tempo é o de empregar a razão demasiado nua, como se os homens não fossem senão espírito. Queremos tudo dar ao raciocínio, reduzimos as palavras nossos preceitos, nada pusemos nas ações. O importante é que o jovem aprenda a lutar por seus ideais, saiba criticar com respeito e viva de maneira digna.

Nos séculos modernos os homens não tem mais influência uns sobre os outros senão pela força e pelo interesse, ao passo que os antigos agiam muito mais pela persuasão, pelas afeições da alma, porque não negligenciavam a linguagem dos sinais. O que se dia mais vivamente não se exprimia por palavras e sim por sinais, não o diziam, mostravam-no.

Não argumenteis nunca secamente com a juventude. Daí um corpo à razão se quiserdes lhe torna-la sensível. Fazei passar pelo coração a linguagem do espírito, a fim de que se faça entender. Os argumentos frios podem determinar nossas opiniões, nossas ações, fazem acreditarmos mas nunca agirmos. É necessário exercitar sua imaginação, escolher o momento e o lugar certo. Despertando –o para os sentimentos de ternura, felicidade, esperança, inflamando em seu coração todos os sentimentos que torna-o feliz e realizado. Deve-se ter o cuidado ao repreender o aluno, evitando as repreensões agressivas e bruscas para não causar problemas relacionados a auto-estima.

Ao estabelecer a autoridade, primeiramente deve tomar o cuidado de afastar a necessidade de emprega-la dia-a-dia na confiança no respeito, mostrando-lhe seu desejo de proporcionar-lhe uma felicidade duradoura e de crescimento intelectual; fazendo-o sentir o encanto a união dos corações acrescenta à atração dos sentidos, desgostando-o da libertinagem, fazendo-o sábio tornando-o amoroso.

O jovem é feito para viver com os homens, de conhece-los, saber o que faz no mundo, resta-lhe saber como nele se vive. É tempo de mostrar-lhe o exterior desse grande palco cujos jogos interiores já conhece. É necessário que ele tenha discernimento de um espírito reto e justo para agir com bom senso e sabedoria.

Não é nem pelo temperamento nem pelos sentidos que começa a perdição da juventude, é pela opinião, não é a natureza que os corrompe, é o exemplo, por isso que o preceptor deve tomar o cuidado em transmitir-lhe somente exemplos bons, e instruções sábias e corretas para que seu aluno receba uma boa formação pessoal e moral. Cumpre preserva-lo da vaidade menos que da sensualidade, pois o amor próprio faz mais libertinos que o amor, ao entrar na sociedade ele corre o risco de se corromper e de se tornar mesquinho e individualista, pois o homem nasce bom, o que o corrompe é a sociedade.

O jovem deve lembrar da afeição paterna, cujos conselhos são ternos e sinceros, e da experiência que leva a julgar o que se conhece, porque os pais foram filhos e os filhos não foram pais.

De todos os inimigos que podem atacar um jovem, o mais perigoso e o único que não pode afastar é ele próprio, este inimigo só é perigoso por nossa culpa, pois é unicamente pela imaginação que os sentidos despertam. Não se conhecem que fermentações surdas certas situações e certos espetáculos existam no sangue da juventude, sem que ela saiba investigar ela própria a causa dessa primeira inquietude, que na se acalma facilmente e não tarda em renascer.

Ao educar um homem para a sociedade, é impossível, educa-lo sempre dentro de uma ignorância salutar, ou privando-o de certos conhecimentos e de determinadas experiências, pois o que há de pior para a sabedoria é ser mio sábio. A recordação dos objetos que nos impressionaram, as idéias que adquirimos, acompanham-nos no retiro, povoam-no, contra nossa vontade. Seria muito perigoso ensinar ao aluno a enganar seus sentidos e suprir às oportunidades de satisfaze-los, pois ao conhecer uma vez esse perigoso suprimento, estará perdido. É importante que ele aprenda a partir da experiência, e que ele saiba agir de acordo com os acontecimentos.

Até aos vinte anos o corpo cresce, precisa de toda a sua substância: a continência está então na ordem da natureza e não se desobedece a ela senão a expensas de sua constituição moral; importa para que se aprenda a reinar sobre si mesmo, a permanecer o senhor dos próprios apetites. Mas os deveres morais têm suas modificações, suas exceções, suas regras. Quando a fraqueza humana toma uma alternativa inevitável, de dois

*males o menor, como quer que seja é melhor cometer um erro do que adquirir um vício*³⁶.

Quem crê deve fechar os olhos a qualquer coisa, vê-se logo forçado a fechá-los a tudo, o primeiro erro tolerado e aceito acarreta outro, e este encadeamento só acaba com a derrubada da ordem e, o desprezo da lei.

Um erro grave que é importante evitar é o de o preceptor querer passar-se por um homem perfeito no espírito do aluno, é necessário mostrar-lhe as fraquezas humanas comuns a todos os homens, para que ele aprenda curar as dele, que ele perceba nas lutas diárias do mestre as mesmas lutas que se apresentam a ele, aprendendo assim a enfrenta-las a partir dos exemplos recebidos. Todas essas precauções são penosas mas indispensáveis, é da negligência em relação a elas que se perde toda a juventude, é pela desordem da primeira idade que os homens degeneram e que os vemos tornarem-se pessoas de má índole, vis e covardes em seus próprios vícios.

A retórica é uma questão importante a ser trabalhada com o aluno, é indispensável que ele aprenda a evitar a tagarelice, prepara-lo para que faça bom uso dela, advertindo-o de alguns deslizes cometidos pelas pessoas em geral. "Quem conhece bastante coisas para dar a todos seu verdadeiro valor, nunca fala demais, pois sabe apreciar também a atenção que lhe prestam e o interesse que têm em suas palavras. Geralmente as pessoas que sabem pouco falam muito e as que sabem muito falam pouco. É compreensível que um ignorante ache importante tudo o que sabe e o diga a todo mundo. Mas um homem instruído não abre facilmente seu repertório. Teria muito que dizer e vê ainda mais por se dizer depois dele, cala-se.

Quem ama quer ser amado. O jovem aprende amar as pessoas e portanto procura meios de agradar-lhes, e com maior ênfase quer agradar as mulheres. Sua idade, seus costumes, seus projetos, tudo influência para alimentar nele este desejo, pois os homens de bons costumes são verdadeiros adoradores das mulheres. Ele não perde de vista o objeto de sua procura e é sempre a tudo o que a lembra que ele, presta maior atenção. Ele sabe onde deve encontrar a felicidade de sua vida e em que pode contribuir para a felicidade dos outros.

³⁶ Rousseau Emilio, *Tratado da Educação*, p. 396

Amando os homens por serem seus semelhantes, amará sobretudo os que mais se lhe assemelhem, porque se sentirá bom; e julgando essa semelhança pela conformidade dos gostos nas coisas morais, em tudo o que se aprende ao bom caráter ficará contente com ser aprovado.

O gosto não é senão a faculdade de julgar o que agrada ou desagada ao maior número. Ele é natural a todos os homens, mas eles não o têm na mesma medida e não se desenvolve em todos da mesma maneira e, em todos, está sujeito a alterar-se por diversas causas. A medida do gosto que podemos ter depende da sensibilidade que recebemos, sua cultura e sua força dependem da sociedade em que vivemos. O gosto é influenciado pelas tendências da moda e dos costumes adquiridos.

Os homens em seus trabalhos nada fazem de belo, senão por imitação. Todos os verdadeiros modelos do gosto estão na natureza. Quanto mais nos afastamos do mestre, mais nossos quadros de desfiguram. É dos objetos que amamos que tiramos nossos modelos, e o belo de fantasia sujeito ao capricho e a autoridade nada mais é do que aquilo que agrada aos que nos guia³⁷.

É importante conservar no jovem em gosto puro e sadio; iniciando assim o momento propício a leitura de livros agradáveis, momento de ensinar-lhe a fazer a análise do discurso, de torna-lo sensível a todas as belezas da eloquência e da dicção.

Ensinando-lhe a sentir e amar o belo de todas as espécies, fixaremos suas afeições e seus gostos impedindo assim que suas tendências naturais se alterem e que ele busque um dia, em sua riqueza os meios de se tornar feliz bem perto de si mesmo.

Não é bom que o homem, fique só, é importante que ele tenha uma companheira para partilhar suas alegrias e tristezas. Na união dos sexos cada qual contribuem igualmente para o objetivo comum, que é o de tornar-se feliz, mas não da mesma maneira. Dessa diversidade surge a primeira diferença marcante entre as relações morais de um e de outro. Um demonstra ser ativo e forte, o outro passivo e fraco. É necessário que haja concordância entre ambos para que o amor frutifique.

³⁷ Rousseau Emílio, *op. cit.*, p. 405

A mulher e o homem são feitos um para o outro, mas sua dependência natural não é igual: os homens dependem das mulheres por seus desejos, as mulheres dependem dos homens por seus desejos e por suas necessidades.

Da boa constituição das mães depende inicialmente a dos filhos, do seio das mulheres depende a primeira educação dos homens, seus costumes, suas paixões, seus gostos, seus prazeres e até sua felicidade. O jovem deve crescer num ambiente tranqüilo e harmonioso, recebendo uma boa educação transmitida por seus pais, adquirindo assim bom caráter para escrever seu papel de cidadão na sociedade em que vive. A mãe cabe a missão de educar seus filhos, ensinando-lhes lutar por seus ideais e por sua realização pessoal, é seu dever aconselhá-los, consolando-os nos momentos difíceis, tornando assim a vida mais agradável e doce, e aos filhos cabe o dever de corresponder a esse terno amor, com exemplos de bom caráter, honradez e honestidade.

Uma característica negativa na obra de Rousseau é sua idéia sobre a educação da mulher, que a reduz a ser apenas companheira do homem, e a tudo ser subordinada ao homem, limitando-a a ser apenas um mero objeto que proporciona prazer e bem estar ao homem. Sua concepção transmite Maximo e marginalização ao papel desempenhado pela mulher na sociedade.

Quereis estender por uma vida inteira o efeito de uma educação feliz, prolongai durante a juventude os bons hábitos da infância, e quando vosso aluno for o que deve ser, fazei com que seja o mesmo em todas as épocas. O que engana os preceptores e sobretudo aos pais, é que eles pensam que uma maneira de viver exclui outra, e que logo que uma pessoa se torna adulta deve renunciar a tudo o que fazia quando pequena. Se assim fosse, que adiantaria cuidar da infância, posto que o bom ou mau uso que dela se faz se dissiparia com ela, e que adquirindo modos de viver absolutamente diferentes, adquirira necessariamente outros modos de pensar³⁸.

O aprendizado adquirido na infância é a base que alicerça a vida do homem já formado, as lições aprendidas na infância refletem em todas as fases de sua vida, por isso é necessário que a criança receba uma educação de qualidade, que viva com dignidade, para que não carregue dentro de si lembranças negativas e maus hábitos. Cabe aos pais e a escola proporcionar-lhe esse ensino para a vida.

³⁸ Rousseau Emilio, p.520

Na vida do jovem ocorre uma fase muito importante e mais difícil de toda educação, é a crise da passagem da infância à condição humana, surgindo a primeira paixão. "Ei-lo agora embriagado com uma paixão nascente, seu coração abrindo-se às primeiras ardências do amor: suas doces ilusões fornecem-lhe um novo universo de delícias e de prazeres, ama um objeto amável e mais amável ainda pelo caráter do que pelo físico, espera uma correspondência que sete lhe ser digna"³⁹.

A primeira paixão abrasa seu coração deixando-o sonhador, desejoso de estar ao lado de sua amada.

Nesta fase como complemento a formação do jovem é importante cuidar também da educação para o casamento, que não pe o lugar da espontaneidade ou do amor passional e puramente emotivo, mas da transfiguração dessa carga passional naquela alegria espiritual que deriva da subordinação da própria vida aos deveres da coletividade"⁴⁰.

Cada idade tem suas características que fazem o jovem mudar de atitudes, mas sua essência do homem é sempre o mesmo. Para que a juventude tenha bons hábitos, é importante proporcionar-lhes uma educação feliz, onde o resultado será a realização pessoal, uma vida feliz. O principal objetivo de todo processo educacional é de que a pessoa, ou seja, o educando seja feliz pois essa é a meta de todo ser sensível, este foi o primeiro desejo que nos deu a natureza e o único que não nos abandona nunca. Mas onde está a felicidade? Quem sabe? Todos a procuram mas é difícil encontra-la. Ela é um dom a ser conquistado, não há felicidade sem coragem, sem luta e sem virtude. Uma pessoa virtuosa tem forças para lutar por seus ideais, por sua verdadeira felicidade.

Um homem virtuoso é aquele que sabe dominar suas afeições, pois segue sua razão, sua consciência, cumpre seus deveres mantendo-se dentro da ordem e nada o pode afastar-se dela. Mantendo assim um domínio sobre suas paixões, controlando os impulsos de seu coração. A natureza é que liberta o homem dos males que surgem em seu caminho, ou ensina-o a suporta-los, mas um alguns casos ela os abandona em si mesmo, deixando-os vítimas de suas paixões, fazendo-os aprender a partir deles a como evitar o mal, pois muitos homens colocam

³⁹ Rousseau Emilio, p.533

⁴⁰ REALE, Giovane & ANTISERI, Dario, História da Filosofia, p. 775

suas paixões e desejos acima de suas forças, sendo vencidos pelas tentações tornando-se escravos de seu próprio erro. Não depende do homem ter ou não paixões, mas depende dela domina-las, pois todos os sentimentos de dominamos são legítimos, mas todos os que nos dominam são criminosos.

Ao buscar sua realização pessoal o jovem deve afeiçoar seu coração a beleza que não perece nunca, limitando seus desejos e deixando que seus deveres precedam suas inclinações. Ao aproximar-se da idade adulta na qual será necessário tornar senhor de si mesmo, estar a par de seus direitos e de seus deveres para consigo mesmo e com a sociedade. Cumpre saber que tipo de homem quer ser, como viverá e conquistará seu sustento e o de sua família. Compreendendo assim que de seus esforços dependerá sua felicidade e de todos que o cerca.

Reconhecendo a importância do trabalho em sua vida, ele lutará por seus ideais, valorizando a si mesmo, tornando-se forte, decidido e de bom caráter. Ele deve ter o conhecimento dos males que afetam a personalidade humana, como é o caso da alienação, submissão, a ganância do ter e do poder.

Não conheço outra glória senão a de ser bom e justo; não conheço outra felicidade senão a de viver independente com o que amo, ganhando todos os dias apetite e saúde com seu trabalho.

Antes de se casar é importante que o jovem consiga estabilizar primeiro, isto é, ter condições de manter suas despesas, ter um lugar fixo para morar, tornar-se independente, para que não caia na lei da necessidade. Trabalhar é um dever indispensável ao homem social, é a partir dele que o homem é levado à condição de homem, ocupando seu lugar na sociedade.

Outra questão de suma importância são os deveres civis que todo cidadão tem que exercer, mas há também uma falsa ideologia de liberdade, todo homem nasce livre, mas ele corre riscos de perder sua liberdade, independente do lugar que nasça, a menos que se submeta voluntariamente às leis imposta pelo regime político vigente para adquirir o direito de ser por elas protegido.

Há no estado civil uma igualdade de direito fantasiosa e vã porque os meios destinados a mantê-la servem para destruí-la e que a força pública, que se liga ao mais forte para oprimir o fraco, rompa a espécie de equilíbrio que a natureza

havia posto entre eles. Desta primeira contradição decorrem todas aquelas que se notam na ordem civil entre a aparência e a realidade.

A multidão sempre será sacrificada ao pequeno número e o interesse público ao interesse particular; sempre estas palavras enganadoras de justiça e de disciplina servirão de instrumento para violência e de armas para a iniquidade.

É importante fazer uma análise sobre a questão: os homens nascem escravos ou livres? Associados ou independentes? Essa é uma questão séria e preocupante, pois a sociedade aprisiona o homem em regras e leis que mesmo sendo livre por direito, ele se torna um escravo, obrigado a se sujeitar a essas leis. O contrato social é a base de toda sociedade civil, e é na natureza desse ato que cumpre procurar a base da sociedade que ele forma. Cada cidadão põe em comum sua pessoa, sua vida, todo o seu poder, sob a suprema direção da vontade geral, e recebe cada membro como parte invisível do todo.

O homem nasceu livre e, não obstante, está acorrentado em toda parte, julga-se senhor dos demais seres sem deixar de ser tão escravo como eles. Como se tem realizado estão mutação? Ignoro. Que pode legitimá-la? Creio poder responder a esta questão⁴¹.

Para que o processo educacional alcance bons resultados o primeiro aspecto que ele exige é a liberdade e a independência do homem, ante os outros homens. Ensinam-se todos os instrumentos, menos o único, precisamente, que pode ter êxito: a liberdade, mas uma liberdade bem regrada. Mas ela não é ilimitada: é regulada pela necessidade, pela força das circunstâncias naturais, que substituem o mando e a obediência sociais, artificiais.

Rousseau ocupa um lugar de destaque na filosofia política, além de ser o grande teórico já que seu pensamento constitui um marco na pedagogia contemporânea.

Afirma-se que Rousseau provocou uma revolução copernicana na pedagogia educacional de seu tempo, este foi um marco na história da educação, pois sua proposta pedagógica entrou em choque com o arraigado tradicionalismo vigente. Sua pedagogia surge como o despertar de uma escola nova que centraliza

⁴¹ *Jean Jacques Rousseau, O contrato social, p. 37*

os interesses pedagógicos totalmente no aluno e não mais no professor, o professor deixa de ser o centro do processo ensino-aprendizagem, o dono do saber e o aluno passa ser o centro desse processo, ou seja a chave principal. Rousseau ressalta a especificidade da criança que não deve ser encarado como um adulto em miniatura, mas sim um ser em constante transformações.

Até então, os fins da educação era de formar o homem para Deus ou para a vida em sociedade, mas o novo processo propõe que o homem integral seja educado para si mesmo, ou seja, educado para ser homem.

“Viver é o que eu desejo ensinar-lhe”. Quando sair de minhas mãos, ele não seja magistrado, soldado ou sacerdote, ele será, antes de tudo homem.

A pedagogia naturalista proposta por Rousseau centraliza na questão de uma educação de interesse natural, voltada para a natureza humana da criança, não significando uma retomada a vida selvagem ou primitiva, mas sim buscar a verdadeira natureza, que corresponde à vocação humana.

Ao criticar o regime feudal e os costumes da aristocracia, Rousseau preconiza uma educação afastada do artificialismo das convenções sociais. Da mesma forma que, na esfera política, o cidadão elabora as leis da sociedade democrática, também a educação busca a espontaneidade original, livre da escravidão aos hábitos exteriores, a fim de que o homem seja dono de si mesmo, agindo por interesses naturais e não por constrangimento exterior e artificial.

A educação natural também recusa o intelectualismo, que leva fatalmente ao ensino formal livresco, ou seja, o homem não se reduzir somente ao intelectual, como se sua natureza pudesse ser apenas razão sensitiva digna de confiança e é anterior ao pensar elaborando.

Rousseau como amante da natureza quer retornar o contato com animais, plantas e fenômenos físicos dos quais o homem urbano freqüentemente se distancia. “As coisas! As coisas! Nunca repetirei bastante que damos muito poder às palavras”. Dessa forma, valoriza a experiência, a educação ativa voltada para a vida, para a ação, cujo principal motor é a curiosidade⁴².

⁴² *Maria Lúcia Arruda, Filosofia da Educação, p. 122*

A educação é um processo natural e não artificial, que tem como objetivo o desenvolvimento interno da criança, e não somente um acréscimo exterior. Ela ocorre por meio da ação dos instintos e interesses naturais, e não por imposições mecânicas. Ela é uma expansão de aptidões naturais, é a própria vida, não se limitando apenas numa aquisição de conhecimentos e uma preparação para um estado futuro distante dos interesses e características da infância.

A concepção antiga de educação tinha como objetivo refazer a natureza da criança, forçando-a a enquadrar-se nos moldes tradicionais de pensar, agir e mesmo de sentir, nela a infância não era respeitada. Era substituído as reações artificiais desenvolvidas por métodos formais religiosos, intelectuais e sociais da época. Os sentimentos humanos eram um mal e portanto o coração da criança devia ser afastado dos objetos aos quais se inclinava naturalmente.

Os sentidos humanos eram enganosos, e por isso não poderiam constituir a base do conhecimento ou da instrução, era rejeitada qualquer manifestação dos sentidos ou do coração. Nessa visão as inclinações e instintos eram frutos de uma natureza essencialmente depravada, estando a favor do mal e deviam ser destruídos. Os interesses naturais, como expressão da natureza que a educação e a religião procuravam dominar e substituir, deviam ser afastados de todos os processos educativos. O valor educativo de uma atividade ou tarefa ia até o ponto em que ela fosse difícil de realizar intelectualmente e fosse desagradável emocionalmente. A criança se limitava em obedecer as regras padronizadas pela instituição de ensino, sendo obrigado a sujeitar-se a elas, caso isso não ocorresse recebia severos castigos em represália a desobediência.

O primeiro passo na educação moral era o de quebrar a vontade da criança, que em sua perversidade, representava apenas a malícia da natureza humana, seu único direito seria de satisfazer os desejos e os objetivos do adulto. A educação moral e social eram dominados por essas regras, esforço constante de moldar a criança em formas artificiais de conduta satisfatória o julgamento do adulto, mesmo que essas formas ficassem longe do que a criança era em sua natureza própria..

As teorias psicológicas dominantes, viam a mente da criança como um feixe de faculdades que deviam ser desenvolvidas por meio de exercícios programados e tarefas adequadas cujo valor consistia nas dificuldades que

oferecessem. O poder de raciocínio devia desenvolver-se por disciplinas apropriadas, como a matemática, a lógica e as línguas, e o treino da memória era oferecido pelo aprendizado de material sem nenhum interesse inerente para a criança.

As idéias sociais da época favoreciam o mesmo ponto de vista, o desrespeito a infância, onde a criança era vista sem nenhum valor e sem nenhum direito, até que pudesse imitar o adulto. Nesta época, a criança era modelada pelo padrão dos mais velhos, em todos os aspectos: vestuário, costumes, maneiras, diversões, etc. Antes de Rousseau ela era apenas o adulto visto através de uma telescópio invertido, pois falava como adulto, pensava como um adulto e agia como um adulto.

Do ponto de vista educacional, estudava apenas as matérias que o adulto lhe impunha ou achavam importantes, especialmente as línguas, enfrentando-as do mesmo modo lógico, por meio da gramática formal; dominava-as pelo puro esforço de memória, fazia o mesmo uso formal delas, na mesma vida artificialmente organizada, era obrigada a sujeitar-se a um processo mecanicista de educação padronizada.

Rousseau fez uso de vários preceitos com aplicações concretas para protestar contra esse sistema arcaico de educação, por isso ele reiterou numa variedade de formas o pensamento. !Aconteça o que acontecer, abandonai tudo que torne penosa a tarefa da criança porque só é de importância que ela nada faça contra a sua vontade e não que aprenda muito. Assim em Rousseau se encontra a negação do conceito de educação do Renascimento e de todo o seu desenvolvimento posterior.

O conceito de educação como um processo, surge como um novo modelo de educação, sendo que este processo dura a vida toda, acompanhando os estágios de desenvolvimento do homem. A educação deixa de ser um processo artificial, áspero, antipático, repressivo de todas as inclinações naturais, e passa a ser um processo de desenvolvimento onde a liberdade natural pertence a natureza humana, transforma a educação tornando-a agradável, racional, harmoniosamente equilibrada e útil, portanto, natural. Seus resultados serão conquistados dia-a-dia, pois a vida tem cada dia suas atividades naturais, seus deveres apropriados e suas satisfações correspondentes.

A simplificação do processo educativo foi uma consequência da concepção rousseniana da educação. A partir dele o processo artificial se enfraquece e seus métodos artificiais e elaborados de instrução perdem sua utilidade.

Pela primeira vez a educação encontra a sua finalidade, e o seu processo e os seus meios se enquadram totalmente dentro da vida e da experiência da criança. O desenvolvimento adequado da infância é o objetivo de cada estágio particular da educação; a natureza da criança e seu crescimento determinam o processo; a experiência da criança proporciona os meios.

É nas doutrinas de Rousseau que se encontra o núcleo de verdade sobre a qual se baseia todo o desenvolvimento educacional do século XIX. Rousseau foi quem denunciou os males do passado, predizendo, ainda que com incertezas e em esboço falha, a visão do moderno. Sendo que a inspiração dos reformadores da educação transformaram os seus devaneios em procedimentos práticos.

Rousseau tornou-se o precursor da psicologia educacional, a idéia fundamental de sua tendência no pensamento educativo é de que a educação é um processo natural, fundamentando-se nos instintos e nas tendências naturais para a ação, e deve ser dirigida por princípios derivados do estudo da mentalidade infantil em desenvolvimento e também do adulto em suas funções.

O material educativo será constituído pelos fatos e fenômenos da natureza, a natureza é o lugar primordial para o desempenho do processo educacional, esta tese reforçou a tendência científica da educação moderna.

Na doutrina de que a educação deveria preparar o indivíduo para viver numa sociedade, onde cada um contribuísse mediante seu trabalho para a própria manutenção, ligado pela simpatia a todos os seus semelhantes, pela benevolência a todos que necessitam de seu auxílio. Rousseau preparou a base para a tendência sociológica na educação. No seu individualismo acentua claramente a idéia de uma educação social do novo tipo, o que se comprova pela introdução da aprendizagem de um ofício como parte componente da educação, pela recusa da educação formal da época alimentada pelas classes aristocráticas dominantes nos seus dias e que por sua vez as

*alimentava, e pela acentuação do aspecto emocional e moral em oposição do aspecto intelectual da educação*⁴³.

Os efeitos dessa nova proposta pedagógica, ou seja da pedagogia Rousseau sobre as escolas não aconteceu de imediato, pois o velho regime de educação estava profundamente arraigada na organização social vigente, sendo que uma modificação nesse sistema só iria acontecer após uma revolução violenta. Além disso, as doutrinas de Rousseau eram consideradas como ataques diretos à aristocracia e à Igreja, conseqüentemente os interesses e a autoridade dessas classes dominantes fizeram-lhe cerradas oposições. Mas suas idéias se expandiram por vários países, como é o caso da Inglaterra onde a influência literária de Rousseau foi muito grande, e onde suas idéias sociais encontraram muitos adeptos, surgindo um grande número de livros sobre educação, mais ou menos influenciados pelas idéias de Rousseau.

Das doutrinas de Rousseau nasceu a "educação nova", no século XIX, dando impulso direto à formação clara das concepções psicológica, sociológica e científica da educação. Estas correspondem aos três aspectos das idéias e da prática educativa do século XIX. A aplicação imediata dos ensinamentos de Rousseau foi tentada por Basedow e pelos "filantropinistas". A vitoriosa expansão das doutrinas naturalistas foi dada mais tarde por Pestalozzi, Herbart e Froebel e outros.

Nas teorias de Rousseau encontramos alguns pontos fracos. Entre eles, sua ideal da educação da mulher, que a reduz a ser companheira do homem, e tudo subordina a isso. Falta também em Rousseau a idéia da educação popular, da educação da massa, embora em outro trabalho, se haja ocupado sumariamente da educação nacional. É também excessiva sua concepção otimista da ação direta da educação.

Um traço meramente que percebe-se em sua obra é o individualismo na educação, onde o aluno é educado por um único preceptor, e que o papel do mesmo se limita a ser um mero acompanhante do educando, sendo que esta questão propõe uma educação elitista já que Emílio é acompanhado por um

⁴³ MONROE, Paul, História da Educação, p. 269

preceptor, procedimento próprio dos ricos. Outra refere-se ao separar o aluno da sociedade, onde estaria defendendo uma educação individualista.

Mas com todas as deficiências e desigualdades, Rousseau continua a ser um dos maiores pedagogistas da história e que deixou inúmeros traços de mudanças no campo educacional.

“Mostro a meta que é preciso atingir, mas não digo que se possa consegui-lo, mas digo que quem dela mais se apropriar terá tido o maior êxito” (Jean Jacques Rousseau).

CONCLUSÃO

Ao concluir este trabalhos compreender-se que a pedagogia naturalista proposta por Rousseau provoca uma grande revolução no campo educacional do século XVIII, sendo considerado um dos livros mais ousados e mais fecundos que foram concebidos em seu tempo.

Percebe-se que sua obra representa um marco na história da pedagogia contemporânea e moderna, pois Rousseau é considerado o grande teórico da educação e o inovador do processo educacional, sendo que suas idéias revolucionárias influenciaram as mais diferentes correntes filosóficas e educacionais.

Pode-se notar claramente que um dos princípios básicos de sua educação, fundamenta-se na liberdade essencial do homem, que desenvolve suas capacidades naturais a partir da própria experiência e do desempenho ativa voltada para a vida, para a ação, cujo principal motor é a curiosidade.

Rousseau não dá muito valor ao conhecimento transmitido e quer que a criança aprenda a pensar, não como um processo mecânico, onde recebe idéias prontas e determinadas, mas que desenvolva a arte de pensar como desenvolvimento interno e natural, respeitando assim a individualidade de cada um.

Portanto as idéias de Rousseau contém um espírito revolucionário, que se opõe a metodologia educacional de seu tempo, que era irraigada de formalismo e de tradicionalismo, onde o ensino era transmitido a partir de regras e proibições, não respeitando as tendências naturais da criança e nem suas fases de desenvolvimento. A educação limitava-se a formar cidadãos para o Estado ou meras cópias de um sistema opressor. A nova proposta pedagógica surge como um despertar para a pessoa humana, para a valorização da criança como um ser

pensante e cheio de capacidades e talentos e que se encontra em constante formação. Por isso a educação deve adequar-se a essa nova visão levando a criança a uma formação integral, preparando-a para a vida.

Entende-se que o processo educacional deverá acontecer de forma contínua e permanente, variando segundo os estágios de desenvolvimento de cada um, afastando-se do artificialismo e das convenções sociais. A educação deve buscar a espontaneidade original, afastando-se da escravidão aos hábitos exteriores, levando a criança a encontrar sua vocação natural de ser pessoa humana e assim viver com dignidade.

Neste processo os interesses pedagógicos centralizam-se no aluno, que passa a ser a meta principal do processo ensino-aprendizagem, cabendo ao professor o papel de mediador entre o aluno e o saber. E este é um dos fatores principais da pedagogia rousseauiana, onde a especificidade da criança é respeitada e valorizada, deixando de ser considerada como um adulto em miniatura.

Nota-se também que Rousseau valoriza muito a atividade física e intelectual do aluno, pois segundo ele a aprendizagem surge a partir da própria experiência, onde o aluno constrói seu próprio conhecimento, aprendendo assim a pensar e a lutar por seus ideais, acontecendo assim um ensino vivo, voltado para a vida, baseando-se na experimentação e na curiosidade. Entretanto não se deve impor o saber dos homens à criança, nem tampouco deixá-la no puro espontaneísmo, cabendo ao professor a partir de uma dialética própria a seu nível intelectual ensiná-la a lidar com seus próprios desejos e a conhecer os limites para ser dona de si. Assim sendo a criança descobrirá por si mesma as leis das coisas e das relações interpessoais.

É importante também que a criança receba uma educação religiosa, mas que ela ocorra respeitando as tendências de cada um, ou seja, sem imposições ou dogmatismo, a criança ao atingir a idade da razão deve estar apta a escolher a doutrina a qual quer optar.

A educação constitui um desenvolvimento natural, que ocorre de dentro para fora, ao invés de ser uma construção de fora para dentro, atendendo tanto ao aspecto físico, intelectual e moral. Nela todos os sentimentos, a vida afetiva e a razão ocupam um lugar de destaque. A educação deve ser integral, total, humana.

Pode-se perceber alguns pontos negativos nas teorias de Rousseau, que podem ser analisados e aperfeiçoados. Ele ressalta constantemente o individualismo na educação, onde o aluno deve ter somente um professor, o que se torna inviável no processo educativo, pois é impossível educar uma criança longe do contato social e com apenas um professor, propondo assim uma educação elitista. Outro fator é a sua posição em relação ao papel da mulher, que segundo ele deve ser educada para servir aos homens, privando-a de participar e atuar na sociedade. Seu conceito de religião deixa a desejar pois ele ressalta que a educação religiosa deve ser baseada na concepção deísta, que admite a existência de Deus, mas nega a revelação, e ela deve ocorrer apenas na idade da razão, ou seja, após os quinze anos.

Conclui-se então que Rousseau ressalta que a educação é o caminho para a sociedade renovada, com todo o seu rigor e sua expansão social, bloqueando no berço toda forma de egoísmo, bem como toda forma de ansiedade pelo futuro, que apaga a alegria do presente, dominada pela vontade geral, evitando assim falsos sentimentos provocados por uma sociedade competitiva e esmagadora. Sendo que a educação é uma questão que merece atenção e respeito, pois é a partir dela que se abrem novos caminhos na vida de todos ser humano. Por isso é necessário que ela esteja presente na vida de todos com igualdade e qualidade. Uma educação de qualidade é um direito de todos os cidadãos, sem provocar exclusão social, estando ao alcance de todos. É dever de todos engajar-se neste processo, lutando para que ela seja permanente e transformadora, formando cidadãos novos e conscientes de que juntos construiremos uma nova história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de Referência

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Bibliografia

ARANHA, Maria Lúcia Arruda & MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. 2ª ed. São Paulo: Moderna 1994.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1996.

CORBISIER, Roland. **Introdução à Filosofia**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

CONTRIM, Gilberto. **História e Filosofia da Educação. Educação para uma escola democrática**. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

LALANDE, Andre. **Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia**. 10ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PADOVANI, Umberto & CASTAGNOLA, Luís. **História da Filosofia**. 1ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1954.

PILETTI, Nelson & PILETTI, Claudino. **História da Educação**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

MAUROIS, André. **Biblioteca do Pensamento Vivo: O Pensamento Vivo de Voltaire**, São Paulo: Martins 1967.

MONROE, Paul. **História de educação. Atualidades pedagógicas**. v. 34, São Paulo: Nacional, 1978.

REALE, Giovanni & ANTISERI, Dário. ***História da Filosofia: do Humanismo a Kant***. 4ª ed. São Paulo: Paulus 1990.

ROUSSEAU, Jean Jacques. ***Rousseau: Emilio ou Da Educação***. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

ROUSSEAU, Jean Jacques. ***Do Contrato Social; Ensaio sobre a Origem das Línguas; Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens***. Os pensadores, 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

ROUSSEAU, Jean Jacques. ***Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens. Discurso sobre as Ciências e as Artes***. Coleção os Pensadores. Trad: Lourdes Santos Machado. Volume II, São Paulo: Nova Cultura, 1997.

ROSSI, Roberto. ***Introdução à Filosofia***. História e Sistemas. São Paulo: Loiola, 1996.

ROVANET, Sérgio Paulo. ***Mal - Estar na Modernidade***. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

STAROBINSKI, Jean. ***Jean Jacques Rousseau: A Transparência e o Obstáculo***. São Paulo: Companhia das Letras 1991.